

Diadorim, formação (educação) e dialética do sujeito em *Grande Sertão: Veredas*

Diadorim, dialectic bildung (education) and the subject in *Grande Sertão: Veredas*
Diadorim, formación (educación) y la dialéctica del sujeto en *Grande Sertão: Veredas*

Christian Muleka Mwewa*¹, Alexandre Fernandez Vaz**²

*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas-MS, Brasil

**Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis-SC, Brasil

...o ensaio é mais dinâmico do que o pensamento tradicional, por causa da tensão entre a exposição e o exposto (ADORNO, 2003, p. 44).

Resumo

O presente artigo pretende analisar o percurso de Diadorim, reconhecendo-o como expressão da formação dialética do sujeito. Para alcançar este objetivo apontamos a centralidade de Diadorim (Reinaldo) nas ações de Riobaldo, discutindo a relação de amizade entre eles. A complexidade da relação entre iguais (dois jagunços) e entre desiguais (homem e mulher) sugere a diferença (o amor entre os dois). Diadorim, por fim, estabelece a dialética que a formação subjetiva exige diante das distintas situações com as quais o sujeito se defronta na vida.

Palavras-chave: Literatura, Arte, Diadorim, Formação (Educação).

Abstract

This paper intends to analyze the trajectory of Diadorim as an expression of the dialectic formation of the subject. For such, we discuss Diadorim's (Reinaldo) central role in the actions of Riobaldo, and their friendship relation. The complexity of the relation between two peers (*jagunços*), who differ in gender, suggests the otherness (their love). Diadorim poses the dialectic which subjective formation demands in face of the varied situations which the individual has to go through in life.

Keywords: Literature, Art, Diadorim, Bildung.

Resumen

El artículo analiza el camino de Diadorim, reconociéndole como expresión de la formación dialéctica de sujeto. Indicamos la centralidad de Diadorim (Reinaldo) en las acciones de Riobaldo, discutiendo la relación de amistad entre ellos. La complejidad de la relación entre iguales (dos *jagunços*) y e entre desiguales (hombre y mujer) sugiere lo distinto (el amor entre los dos). Finalmente, Diadorim establece la dialéctica que la formación (educación) subjetiva exige delante de las distintas situaciones con las cuales el sujeto se enfrenta en la vida.

Palabras clave: Literatura, Arte, Diadorim, Formación (Educación).

1 Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (com estágio doutoral na Université Paris 1 – Panthéon Sorbonne). Professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campus Três Lagoas/CPTL). E-mail: afromuleka@yahoo.fr

2 Doutor pela Leibniz Universität Hannover. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação e do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, ambos da Universidade Federal de Santa Catarina: Pesquisador CNPq. E-mail: alexfvaz@uol.com.br

Introdução

A partir de um diálogo-monólogo (sabe-se da existência de um interlocutor, mas ele não tem voz ativa), o clássico *Grande Sertão: Veredas*³, de João Guimarães Rosa, traça o desiderato da moça virgem que queria vingar a morte do pai. A trama se passa no Sertão, onde Riobaldo, após um percurso errante, acaba se tornando líder destemido de um grupo de jagunços. Porém, a relação deste que é o narrador/personagem central com aquele que seria o *médium de reflexão* (BOLLE, 2004), Diadorim⁴ (Reinaldo), se dá muito antes, na infância.

No encontro do menino Riobaldo com o menino Reinaldo, no De Janeiro, que desemboca no São Francisco; nessa ocasião, Riobaldo vivia com sua mãe, Bigri, muito pobremente. Depois da morte da mãe, ele vai morar com seu padrinho/pai, seu Selorico, amigo e hospedeiro dos jagunços em sua fazenda; aprende a ler e a escrever. Foge da casa paterna e vai trabalhar de professor numa escola, por recomendação do mestre, seu Lucas. Torna-se professor de um dos maiores jagunços da época, Zé Bebelo. Foge do lugar, vagueando pelo sertão e, ao pedir pouso em uma fazenda, encontra os jagunços de Joca Ramiro, e, entre eles, Reinaldo (Diadorim), agora jagunço. Na época, Hermógenes era o lugar-tenente de Joca Ramiro. Tempos depois acontece a prisão de Zé Bebelo e o seu julgamento: o famoso júri do sertão. Riobaldo é seu defensor e Hermógenes, acusador. Zé Bebelo é absolvido e libertado. Hermógenes, indignado, à traição, assassina Joca Ramiro, pai de Reinaldo. Aí, sim, toda a vida/perspectiva de Reinaldo, já irmanado com Riobaldo, que se torna chefe dos jagunços, é vingar a morte do pai (PUCCI; MWEWA, 2011, p. 536).

A narração de Riobaldo tem como uma de suas questões de fundo o confronto entre o mundo letrado e o popular, palavra dita e que pode ser “desdita” (SCHWARZ, 1981). É o que observamos na seguinte passagem: “Isto é: a pedra era de topázio! só no bocal da ideia de contar é que erro e troco – o confuso assim.” (ROSA, 1984, p. 531). Riobaldo se refere à pedra que pedira que Alaripe entregasse a Otacília, sua noiva, afirmando que era topázio para logo corrigir-se dizendo que era ametista.

O embate de *Grande Sertão: Veredas* é o do jagunço em face ao homem da cidade, engendrando assim, “um monólogo *inserto* em situação dialógica” (SCHWARZ, 1981, p. 38). Essa afirmação faz pensar a dialética do sujeito na empreitada de Diadorim para cumprir a sua vingança. Para matar Hermógenes e vingar o pai, é preciso ser jagunço, para o qual *macheza* e *brabeza* são primordiais. Em contrapartida, Diadorim representa, neste mesmo quadro, a *delicadeza*, a *paz*, o *amor*, além da determinação, ao seguir os passos necessários para cumprir sua missão. É importante pensar na relação estabelecida por ela/ele como exteriorização de um procedimento formativo no Sertão. É pelo confronto interno que *macheza*, *brabeza*, *delicadeza*, *amor*, *ciúme*, etc. exercem no sujeito que este empreende sua ação frente ao jagunço Riobaldo. O contexto em que ocorre esta relação torna-se importante porque territorializa as ações de Diadorim no universo do *Sertão*, lugar que “está em nós”, escreve Guimarães Rosa. Sertão e cidade não são polos opostos, antes indicam diferentes possibilidades de ação do sujeito frente à contingência.

3 Nunca é demais lembrar que as veredas são pequenas poças de água que dão vida para o sertão, pois em torno delas é que crescem certos tipos de árvores que alimentam os animais e a população constituída em torno dela.

4 É importante lembrar que desde o início do romance Diadorim aparece como homem. Neste sentido, é possível dizer que este disfarce pode ter o ajudado a cumprir a vingança contra Hermógenes, o assassino do seu pai, Joca Ramiro. Este objetivo a fez abrir mão da realização completa, carnal, do amor.

Márcia Tiburi (2013) afirma que é como homem que Diadorim viveu, pois a sua condição de mulher só foi revelada após a morte, ou seja, é como homem que empreendeu as suas ações em vida. Trata-se de uma leitura correta se não considerarmos a relação, no mínimo *sui generis*, no Sertão, que Diadorim estabeleceu com Riobaldo, mesmo sendo *ele*. Leitura que, no entanto, vale para o leitor apenas antes que ele saiba da revelação. Uma vez sabido que Diadorim era mulher, pode-se entender suas ações como tal, mas transvestida de homem, ainda que ela saiba de sua condição, como o próprio enredo, em seu desenrolar, denuncia. Prova disso é o estranhamento aceitável de uma relação de caráter homossexual em pleno Sertão, que se apodera do leitor até as últimas páginas, quando então se dá a revelação. Se, ainda que de forma crítica, aceitarmos os lugares sociais determinados para homens e mulheres, podemos dizer que Diadorim (Ele) guerreava como jagunço homem, mas tinha (Ela) inclinação para afazeres “domésticos” e carícias como mulher (lavar a roupa do Riobaldo, por exemplo). Dito isso, é possível afirmar que Diadorim conjugava no mesmo sujeito os dispositivos para homens e mulheres. É possível flutuar entre identidades⁵.

Em termos ético-políticos, o motivo pelo qual Diadorim será morta está ligado à insubmissão às regras da identidade. Ao fato de que ousou sair do seu papel de gênero, praticar a diferença em sua ação. A morte de Diadorim justifica-se, assim, na transgressão das regras, na queda na *hybris* que caracteriza o herói trágico sempre vitimado pelo destino que as mulheres de GSV não ousam combater: permanecem no papel que lhes concerne, seja o de prostituta, o de esposa, seja o de noiva. Essa regra, a de ser mulher, envolve um papel: uma vestimenta, um comportamento. Diadorim usou outra roupa e agiu de outro modo transcendendo o papel a que tinha sido destinada por certa anatomia, assim, teve que pagar com a vida, na “matabilidade” da “mera vida” contra a qual ela tinha se colocado ao ser “outro” que apenas mulher (TIBURI, 2013, p. 200).

Diante da condição contextual, Diadorim assume externamente (objetivamente) a condição de homem e internamente (subjetivamente) a condição de mulher que, por sua vez, só quando morta foi revelada. Portanto, é neste *entre-meio* que Diadorim se fez sujeito ativo no Sertão, permitindo assim ser referenciado tanto como homem quanto como mulher. Em uma palavra, a oscilação entre Ele/Ela é permitida pela sua *biografia*.

O presente artigo analisa brevemente e com inspiração em Adorno (2000, 2009), o percurso traçado por Diadorim, reconhecendo-o como expressão da formação dialética do sujeito. Para o filósofo de Frankfurt, o intervalo entre sujeito e objeto não exime o primeiro das mesmas condições em que o segundo está mergulhado, de forma que a crítica cultural deve reconhecer em si mesmo as contradições das quais se origina. Neste quadro, a prioridade do objeto deve ser reconhecida em sua inteireza, não como algo dado sem mediação, mas em tensa relação com o sujeito. Não é, portanto, outro o processo de considerar a literatura, se pensada for como expressão do espírito do tempo. Com tal operação, o trabalho procura a centralidade de Diadorim (Reinaldo) nas ações de Riobaldo, observando o percurso afetivo entre eles. Só a “partida” (morte) de Diadorim/Reinaldo provoca, como curto-circuito

5 No ensaio *Jamacy e os caçadores de veado*, Mwewa (2009) analisa, a partir do filme *Madame Satã*, de Karin Aïnouz, aspectos da representação social do corpo do personagem João Francisco dos Santos, interpretado pelo ator Lázaro Ramos. João transita em seus processos identitários: o próprio do sujeito que se preocupa com a limpeza da casa, se ocupa dos negócios, se importa com a vida sexual do seu “agregado”, pois este lhe deve dinheiro e por isso o protege até que o pague, e ainda assim está alerta com o bem estar do bebê, ou da “menina”, como carinhosamente a chama.

social do Sertão, a redenção de Riobaldo: “porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo.” (ROSA, 1984, p. 546). Diz Riobaldo, ao lamentar a perda de Diadorim:

E, o podre de mim, minha tristeza me atrasava, consumido. Eu não tinha competência de querer viver, tão acabadiço até o cumprimento de respirar me sacava. E, Diadorim, às vezes conheci que a saudade dele não me desse repouso; nem o nele imaginar. [...] Para quê eu ia conseguir viver? Mas, o amor de minha Otacília também se aumentava, aos berços primeiro, esboço de devagar. Era. (ROSA, 1984, p. 565).

Diadorim como *médium-de-reflexão*

No importante estudo de Willi Bolle (2004), Diadorim é tomada como o *medium-de-reflexão* que norteia o romance de Guimarães Rosa. Segundo o argumento de Bolle, o conflito de classes seria o eixo central materializado nesse romance de formação.

Vejam os o que diz o protagonista do *Grande sertão: Veredas*: “Invejo é a instrução que o senhor tem. Eu queria decifrar as coisas que são importantes. (...) Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda.” (ROSA, 1984, p. 93). Bolle (2004, p. 199), ao se referir a Diadorim como *médium-de-reflexão*, pretende “... demonstrar (...) que Guimarães Rosa, concomitantemente com o trabalho de luto individual do seu protagonista-narrador, organiza uma história coletiva dos sertanejos, uma *história dos sofrimentos*.” Assim diz o narrador: “... Diadorim e eu, os tristes e alegres sofrimentos da gente, a célebre morte de Medeiro Vaz, a vingança em nome de Joca Ramiro?” (ROSA, 1984, p. 308). *Grande Sertão: Veredas*, segundo o crítico, “é, em primeiro plano, um trabalho de luto individual, pessoal, e só num segundo plano uma história dos sofrimentos do povo, embora este seja o protagonista secreto do livro.” (BOLLE, 2004, p. 221).

É sob o prisma do *luto individual* que Diadorim aparece como *paixão estética* em mais de uma passagem do romance, isto é, “o *topos* do amor inventado aparece também numa das canções de Siruiz: a figura da *moça virgem*.” (BOLLE, 2004, p. 203). Nossa perspectiva de leitura toma Diadorim como sujeito que se materializa dialeticamente no contexto do cangaço. Entendemos Diadorim como aquela que maneja (controla) a relação com Riobaldo. Num dos primeiros contatos entre eles, é Diadorim quem sentencia, dando o tom das coisas: “... *Se carece de ter muita coragem...*” (ROSA, 1984, p. 468, grifos do autor). Para cumprir sua vingança, ela precisava de coragem para sacrificar a condição de ser mulher num ambiente em que os homens reinavam. Por outro lado, Riobaldo também deveria mostrar coragem: além daquela necessária para *pelear* no cangaço, a de estender o limite do contato permitido entre homens naquele contexto. Ela sabia da sua condição de mulher transvestida, mas ele inquietava-se com um possível impulso homossexual no próprio comportamento, isto é, gostar de seu semelhante. Faz sentido, então, perguntar, como o narrador: “De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhando rústico em suas ações?!” (ROSA, 1984, p. 462). Em Riobaldo, segundo Bolle (2004, p. 235 e 244), a coragem é o resultado da luta contra o medo, pois ele sabia que “homem com homem, de mãos dadas, só se a valentia deles for enorme.” (ROSA, 1984, p. 469). Já em Diadorim, a coragem figura como uma necessidade de “... guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor...”. A coragem permite que, depois

de matar Hermógenes, e após seu falecimento, ela passe para a eternidade, como um *herói*, aquele que enfrenta corajosamente o seu oponente numa grande guerra, mesmo que o resultado seja sua morte, como fez, por exemplo, Aquiles, de Homero.

Um amor a dois: depois, a partida

Diadorim, desde o princípio, não aceita um lugar *prédestinado* e rompe com o claustro social que delimita suas relações. Diadorim se sabia mulher, mas também tinha claro o porquê de sua presença ali naquele contexto e, portanto, sabia da importância de aparentar-se com homem. O processo é complexo, ela se permite sentir ciúmes (ROSA, 1984, p. 179), quer estar perto de Riobaldo, quase sempre lavar suas roupas. Essas são algumas atitudes que, ao lado de sua coragem, demarcam sua condição. Diz Riobaldo: “Meu corpo gostava de Diadorim. Estendi a mão, para suas formas; mas, quando ia, bobamente, ele me olhou – os olhos dele não me deixaram.” (ROSA, 1984, p. 170).

Diadorim como mulher mimetizava os homens, empreendendo outro tipo de sexualidade em relação à masculina que reinava no *Sertão*. Aquela sexualidade que podia gozar de toda a proximidade corporal com o outro, coisa não muito comum para os jagunços, a não ser em situação de luta corporal. Ela podia exteriorizar seus sentimentos, pois Riobaldo sabia que “Diadorim tinha ciúme” (ROSA, 1984, p. 179). Diadorim é aquela que não se iguala na totalidade com os homens, ao se diferenciar, como na expressão do dissonante na paisagem do Sertão. Esta leitura só é possível depois que sabemos de sua condição de mulher, pois como homem, na extrema complexidade romanesca, ela/ele podia ser visto como um transgressor das regras do Sertão por causa da relação muito próxima que estabelecia com o Riobaldo. Ou seja, um homem com atitudes efeminadas, para aquele contexto, transgride as regras de masculinidade. Reside aí uma das complexidades da trama, pois para Diadorim as atitudes eram próprias da sua condição de mulher (lavar a roupa, por exemplo). O narrador sabe da “anormalidade” das atitudes de Diadorim naquele contexto. Afinal, se não o sabia por que então ameaçava quem questionasse ou olhasse com *estranheza* para aquela relação? Maria Deodorina da Fé Betancourt Marins só vive depois de morta, pois em vida ela era Reinaldo, um “homem”.

Em termos, gostava que morasse aqui, ou perto, era uma ajuda. Aqui não se tem convívio que instruir. Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso... [...] Sempre, no gerais, é à pobreza, à tristeza (ROSA, 1984, p. 24).

Apesar de ser “concebido” no contexto do Sertão, ela difere dos demais no erotismo com Riobaldo. Este, não sem razão, é o narrador “participante” que tudo sabe e para quem “contar é muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares.” (ROSA, 1984, p. 172). Há algo de prático em Diadorim, frente à necessidade de sobrevivência que o Sertão demanda.

Diadorim busca sempre uma forma de encontro, quando a aparente obediência torna-se maneira de mostrar as lacunas do outro na relação, já que só se descobre o seu feminino no momento de sua morte. Ele/ela era apenas ela, circunscrevendo, assim, o momento de verdade em sua existência. Foi capaz, portanto, de uma vida aberta à contingência. Por outro lado, diz Riobaldo numa das passagens mais sensuais do

romance, como que à procura do que sabe e não sabe: “falei sonhando: - ‘Diadorim, você não tem, não terá alguma irmã, Diadorim?’” (ROSA, 1984, p. 170).

Diadorim “Reinaldo” e a dialética do sujeito na relação

O percurso das ações de Diadorim “Reinaldo”, a partir da dialética de sua subjetividade, leva-nos a considerar o quanto ela se distanciou de sua perspectiva inicial, qual seja, ser mulher e estar obstinada a vingar a morte do pai. Sua relação dentro do “universo” social do *Sertão* nos faz pensar numa necessidade da personagem (*persona*) de não se identificar com esse universo para poder criticá-lo.

A crítica não está colocada de forma acusatória, mas sim é explicitada na inter-relação que o sujeito, Diadorim, estabelece com outros. Ela, na aparência, era ele, mas estava ciente de sua condição ao realizar ações que pressupunham um radical de gênero outro. O sujeito conquista, assim, a convivência num meio preferencialmente masculino sem submeter-se a este gênero, mostrando a prevalência da astúcia e redimensionando sua posição social no contexto do *Sertão*. Diadorim mimetiza o masculino, pois do contrário ocuparia, naquele contexto, o lugar comum a outras mulheres, Otacília, por exemplo: serem apreciadas e saciar as *necessidades* sexuais no *Sertão*, em especial as de Riobaldo. A crítica à objetificação das mulheres está em Diadorim a partir do momento em que ela instaura uma relação íntima com Riobaldo. Este não sabia que Diadorim era mulher (ela), mas ela o sabia. Tal relação, entretanto, é mediada pelo respeito e pela recíproca cumplicidade: “...ele me olhou – os olhos dele não me deixaram.” Sobre Diadorim exerce-se a desconstrução, no sujeito, do lugar destinado à mulher naquele contexto, pois “toda moça é mansa, é branca e delicada. Otacília era a mais” (ROSA, 1984, p. 177). Porém, ela só pôde fazer isso tudo por não ser homem (intimidade com Riobaldo) e por não parecer com uma mulher (ação diferenciada de uma mulher dentro do *Sertão*): “eu estava todo o tempo quase com Diadorim. Diadorim e eu, nós dois. A gente dava passeios. Com assim, a gente se diferenciava dos outros – porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas.” (ROSA, 1984, p. 27). Impressiona a sensibilidade que Diadorim desperta em Riobaldo, e como este a incorpora na relação: “Alegria minha era Diadorim. Soprávamos o fogo, juntos, ajoelhados um frentemente ao outro. A fumaça vinha, engasgava e enlagramava. A gente ria. [...] De Diadorim eu devia de conservar um nojo. De mim, ou dele?” (ROSA, 1984, p. 293 e 295). Diadorim e Riobaldo também “engasgava[m]-se e enlagramava[m]-se” diante da impossibilidade de consumação sexual e matrimonial do seu amor. Essa dificuldade explícita transita entre o riso (descontrole) e o nojo (repúdio), por isso engasgam e *enlagramam*.

Diadorim obriga Riobaldo a argumentar frente ao não imaginado, mas sim vivido. Inúmeras vezes a relação entre eles transcende a simples amizade, mas dentro do limite do socialmente aceitável para que não causasse “um nojo”. A astúcia se torna necessária para a manutenção da vida. Diadorim realiza, assim, uma crítica a partir de dentro, na utilização da força real do mecanismo com o qual manteve contato com o mundo objetivo. O corpo feminino, transvestido de masculino, realiza as façanhas esperadas deste último.

Diadorim “Reinaldo” enfrenta o conflito que se apresenta num primeiro momento, ao ceder (sujeitando-se) a um dado universo (masculino), para em seguida, a partir de dentro, buscar uma igualdade de direitos. O primeiro passo é proteger-se da diluição completa na fruição no novo mundo (a vida de jagunço); em Diadorim,

este caráter, de proteção, é representado pelo disfarce em homem, que serve para realizar o dever e amar, mas “sem gozo de amor”; o segundo é para *igualar-se* aos homens sem a eles submeter-se. Esta condição, laureada por sua coragem, conferiu-lhe o respeito dos demais. Foi transfigurando-se num corpo masculino que Diadorim pôde agir além do espaço comumente destinado às mulheres, ou seja, como valente e jagunço. “*Diadorim é doido (...) O Reinaldo é valente como mais valente, sertanejo supro. E danado jagunço... Falei mais firmou: - Ah danado é...*” (ROSA, 1984, p. 530. Grifos do autor).

Numa outra passagem, o narrador reverencia a outra faceta de Diadorim “Reinaldo”:

Diadorim estava me esperando. Ele tinha lavado minha roupa: duas camisas e um paletó e uma calça, e outra camisa, nova, de bulgariana. Às vezes eu lavava a roupa, nossa; mas quase mais quem fazia isso era Diadorim. Porque eu achava tal serviço o pior de todos, e também Diadorim praticava com mais jeito, mão melhor (ROSA, 1984, p. 32).

Esta transfiguração, porém, não impediu uma relação com o narrador (Riobaldo). Os dois vivenciaram um encontro amoroso no mais alto grau de cumplicidade, carinho, amor, companheirismo e compaixão. Assim, Guimarães Rosa coloca em outro patamar a relação amorosa, que passa a ser a da *satisfação em processo* de um amor completo que tinha no corpo seu reduto mortal. Como *satisfação em processo*, sempre demandava novas formas de contentamento entre os agentes, ou seja, a relação entre os dois não pôde ser consumada no respeito aos limites colocados para dois corpos *iguais* no sertão. Na incompletude desse amor reside sua continuidade, interrompida apenas pelo inevitável: a morte, visto que “a morte de cada um já está em edital.” (ROSA, 1984, p. 543). Ora, que alma terá a coragem de afirmar que Reinaldo e Riobaldo não se amaram?

A relação de dependência entre os dois, e o seu governo por Diadorim, colocam uma necessidade de libertação na igualdade, mas se “jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas”, como era ela, então podemos tomar a ação como diferenciada em relação a outros jagunços⁶ (ROSA, 1984, p. 27). Diadorim, ao estabelecer um ponto relacional (vingança) com tal universo, faz emergir uma lascividade entre homens em pleno Sertão. A figura de Diadorim/Reinaldo traz à tona uma demonstração de afeto entre semelhantes, porém sem pagar o preço da obscuridade e da ameaça. O sentimento de posse manifestado pelo ciúme de Diadorim, não obnubilado pela proibição intrínseca aos jagunços, reforça a diferença desta relação frente à que Riobaldo mantinha com seus pares. Riobaldo sabia do ciúme de Diadorim, assim como era conhecida a proibição implícita de existir este sentimento entre os jagunços.

Para os dois, porém, o ciúme (Reinaldo) e o cuidado com o sentimento do outro (Riobaldo) eram permitidos, pois um era o Rei que conduzia imponentemente o outro, que era o Rio. Se observarmos as três primeiras letras de REI-naldo e RIO-baldo, temos os vocábulos Rei e Rio, que podem sugerir a seguinte assertiva: “Rei do Rio”, visto o direcionamento e o ritmo que Reinaldo imprimia à relação entre ambos, como médium-de-reflexão (BOLLE, 2004). Não é sem razão que Schwarz

6 “Diadorim e eu, nós dois. A gente dava passeios. Com assim, a gente se diferenciava dos outros - porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si. De nós dois juntos, ninguém nada não falava. Tinham a boa prudência. Dissesse um, caçoasse, digo - podia morrer.” (ROSA, 1984, p. 27).

(1981, p. 38) diz que *Grande Sertão: Veredas* é “um monólogo inserto em situação dialógica”, assim como o Rio que segue o seu curso em diálogos pontuais cercado por margens que o sufocam. Porém, neste caso o Rio era governado por um Rei, o Rei-naldo. Ele é a neblina que impede o Rio de ver e conduzir-se por si próprio. “Diadorim é a minha neblina”, afirma o Rio-baldo. E, quando ele instaura a dúvida sobre seu comando, abre a possibilidade de sua negação. Assim diz Riobaldo: “Diadorim se descabelou, bonitamente, o rosto dele se principiava dos olhos. Eu comandava?” (ROSA, 1984, p. 543).

Reinaldo/Diadorim se apresenta para Riobaldo e para o restante dos jagunços como homem. Por outro lado, a afeição que Riobaldo demonstra por Reinaldo impede o primeiro de enxergar a realidade, a qual ele retoma somente no limite do contato físico com Diadorim. Esta perspectiva abre a possibilidade de se configurar uma participação na vida de Diadorim que necessita ser compreendida, também, a partir da complexidade do amor. Na falta da “valentia enorme” diante do amor, deve-se pensar nas consequências de se explicitar aquele sentimento no Sertão na forma recíproca entre dois homens (um de fato, outro na aparência).

Diadorim no Sertão instaura uma ranhura, própria da arte, na sociedade que a concebe. Ao instaurar esta ranhura, tanto a arte quanto Diadorim se tornam importantes naquele contexto, permitem vislumbrar outra forma de organização social. Apontam, assim, para uma subjetividade que tende para a liberdade. Diadorim mantinha o exercício de sua liberdade em ocasiões em que podia exteriorizar sua ternura e o cuidado para com Riobaldo, mesmo quando se encontrava em pleno campo de batalha.

Como conclusão

Diadorim podia deixar que Riobaldo, a quem destinava seus sentimentos, o soubesse, pois contava com sua cumplicidade, explicitada na dúvida quanto à motivação de tais carinhos. Para ela era permitido demonstrar, ao menos de forma não tão velada, o ciúme e a atenção à pessoa querida. Poder mostrar aquilo que se sente é uma prova da capacidade de que ainda existe um sujeito não de todo anestesiado. Diadorim indica o caminho para compreendermos como é possível ser obstinado em busca de um objetivo, mas sem jamais endurecer em relação à pessoa amada.

Desde esse primeiro dia, Diadorim guardou raiva de Otaclília. E mesmo eu podia ver que era açoite de ciúme. O senhor espere o meu contado. Não convém a gente levantar escândalo de começo, só aos poucos é que o escuro é claro. Que Diadorim tinha ciúme de mim com qualquer mulher, eu já sabia, fazia tempo, até. (ROSA, 1984, p. 179).

Daqui veio que Diadorim mesmo estranhou aqueles meus modos. A entender me deu, e eu reminiquei, com soltura de palavras: como é que ia tolerar conselho ou contradição? Agravei o branco em preto. Mas Diadorim perseverou com os olhos tão abertos sem resguardo, eu mesmo um instante no encantado daquilo – num vem-vem de amor. Amor é assim (...). (ROSA, 1984, p. 399).

Num movimento de reciprocidade, Riobaldo evitava se envolver (corporalmente) com mulheres à vista de Diadorim. Ela também podia demonstrar a ternura que

sentia por Riobaldo, como assinalam os dois extratos acima. No campo de batalha e em situações decisivas, Diadorim exteriorizava a força e a veemência que se esperava dos jagunços: “Sei o meu. [Diz ela] Cá por mim, isso tudo pouco adianta. Quente quero poder chegar junto dum dos Judas, para terminar!” (ROSA, 1984, p. 80). No entanto, frente à morte, obteve a privacidade de alguém que ocupa lugar privilegiado no grupo. No Sertão, em combates entre jagunços, nem sempre havia enterros. Muitos corpos eram abandonados no campo de batalha, relegados a urubus, ou seja, não havia sepultamento, tampouco um momento de luto dos companheiros, diferentemente do que obteve Diadorim. Assim, deixa a Riobaldo dois sentimentos: primeiro, de alívio, por ele ser ela; segundo, de arrependimento, por não ter sabido antes ou por não ter se entregado àquele sentimento que lhe parecia proibido. Riobaldo vivencia um sentimento nostálgico pelo não ocorrido. Por outro lado, a cisão causada pela morte de Diadorim deixa para o ser amado o paradoxo que a arte implanta na sociedade.

A densidade desse sentimento reside no fato de que ele só pode ser proposto pelo sujeito que não teme a morte. Este, por seu turno, não é onipotente, mas, antes, sabedor, ao menos em parte, de sua própria debilidade. Só assim, de alguma forma, pode aspirar a autonomia, reconhecendo a finitude sem medo e sem deixar de lembrar.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Teoria Estética**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- ADORNO, Theodor W. **Dialética Negativa**. São Paulo: Jorge Zahar, 2009.
- ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. **Notas de literatura I**. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.
- BOLLE, Willi. **Grandesertão.br**: o romance de formação do Brasil. São Paulo: Livraria Duas Cidades, Editora 34, 2004.
- MWEWA, Christian Muleka. **Cenários da indústria cultural**: corpo negro, cultura e capoeira. 1. ed. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2009. 116p .
- PUCCI, Bruno; MWEWA, Christian Muleka. Conversa desarmada: teoria, crítica e literatura. **Revista Crítica Cultural**. Palhoça, SC, v. 6, n. 21, p. 527-540, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/779>. Acesso em: 25 Jul. 2012.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 16^a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- SCHWARZ, Roberto. **A sereia e o desconfiado**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- TIBURI, Márcia. Diadorim: biopolítica e gênero na metafísica do Sertão. **Estudos Feministas**, Florianópolis, V. 21, N. 1, p. 191-207, janeiro-abril/2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/1993/showToc>>. Acessado em: Novembro, 2013.

Enviado em: 01/fevereiro/2017

Aprovado em: 22/maio/2018